

RUI BARBOSA E A CRISE

Por José de Sá Nunes. (Da Academia Brasileira de Filologia e do P. E. N. Clube do Brasil)

II FOI EXPOSTO À VENDA

Ao consultante paulistano respondo, em vista de tudo isso, que deve acentuar-se o "a" do período: "O livro já se acha à venda na Livraria Acadêmica"; e que está bem acentuado o "a" destoutro período: "O meu citado livretinho foi exposto à venda pelo editor em 1945." Aliás, o período que saiu dos bicos da brilhante pena do Dr. Afrânio do Amaral, e que deu pábulo à censura fácil de pessoas desconhecedoras do assunto, foi exactamente este, que se lê à pág. 168 do seu nupérismo e eruditíssimo livro "Pesquisas Filológicas": — "Nestas condições, só poderia atribuí-lo ao facto de não haver talvez o experimentado escritor lido realmente o meu citado livretinho, cuja edição desapareceu das livrarias logo que, em 1945, foi exposto à venda pelo editor."

O Dr. Afrânio do Amaral sabe o que escreve e absolutamente não claudicaria como qualquer jornalista incipiente ou escritor de fracas posses, deixando de acentuar aquele "a": fê-lo em harmonia com o escrever dos mais seguros padrões da vernaculidade.

A FACA E À NAVALHA

Certamente, como é de prever, o consultante de João Pessoa leu os argumentos e a lição do Prof. Carneiro Ribeiro a respeito do acento no "a" em expressões "à faca" e "à navalha". Sem dúvida, tem visto em jornais e revistas inacentuado esse "a" em várias expressões, como "morto a faca", "ferido a foice", "luta a arma branca", "atacou a navalha", etc. São frutos da tal norma, falha e errônea, formulada por Tomás Galhardo. Por certo, ninguém a seguiria se a não apadrinhasse o exímio escritor da "Réplica"; mas, segundo se expôs, nem ele próprio obedecia rigorosamente a ela, porque estava habituado a escrever consoante os modelos mais extremos da língua pátria, que nunca jamais ofereceram exemplos para roborar tão estulta norma. Ao invés, os exemplos por eles ministrados a desmentem e desmoralizam. Não me quero furtar ao prazer de apelar para o testemunho de alguns deles, que já depuseram na "Tréplica". Haja vista: "E a todos os da retaguarda passaram à espada." (Vieira: "Sermões", VII, 367.) — "Prová-lo-ei à lança e à espada." (Herculano: "História da Inquisição", I, 86.) — "Corta-as delicadamente à tesoura." (Castilho: "Camões", II, 88.) — "Conquistado à arma branca." (Latino Coelho: "Hist. Pol. e Mil. de Port.", III, 258.)

Não vale a pena ir por diante, porque, se o fosse, encheria não três colunas deste jornal, senão três ou quatro páginas de excertos clássicos em que tais adjuntos circunstanciais de instrumento encerram o "a" acentuado. Se for necessário citá-los, excluirei os anteriores ao século XVII, porque neles se depara constantemente o "a" acentuado em vez do "a" simples e vice-versa.

VEIO A LUZ E MORREU A FOME

Vai já por duas décadas que, ensinando aos meus discípulos a acentuarem o "a", mostrei-lhes com exemplos dos mais primos escritores que os complementos circunstanciais como "à luz" e "à fome" têm acentuado o "a", quer seja contração, quer seja mera partícula prepositiva (veja-se "Língua Vernácula" para a 3ª série, págs. 140-141). O génio da Língua requer este acento, embora não exista crase.

Consoante o preceito de Tomás Galhardo, esposado pelo Dr. Rui Barbosa e pelos seus amoucos, não deve ser acentuado o "a" complemento "à luz", por isso que, substituído pelo correspondente — "a lume" —, não aparece o artigo. Todavia, é indubitável que o próprio Rui, escrevendo "a lume", não dispensava o acento gráfico em "à luz". Provas: "Deu-se a lume esse opúsculo aos 11 de Outubro." ("Réplica", pág. 354, n. 1.) — "Só um, de feito, creio eu, se havia sacado à luz contra aquela tese." (Ib. pág. 94.) Por onde se deduz que a tal regra não passa de miragem.

Os "aferidores profetos do nosso idioma", desde o velho Moraes até ao moderníssimo Cândido de Figueiredo, todos, à uma, assinalam com o acento gráfico a expressão "à luz" quando empregada como complemento circunstancial. O verdadeiro "Dicionário" de Moraes, que é o de 1813 (2ª edição), inscreve sub voc. "luz": — "Tirar, ou dar à luz", "trazer à luz", "dar à luz um menino". (Ainda não recebi a décima edição dessa obra, que está sendo feita em Portugal por José Pedro Machado, Augusto Moreno e Cardoso Júnior, porém posso afirmar que há-de ser trabalho digno de consulta, de segurança e fé, porque esses nomes bastam para recomendá-lo; pelos volumes publicados e que se acham à venda nesta cidade, pode-se verificar que, ao menos, uma grande superioridade existe nele, que o torna muito mais vantajoso do que as anteriores edições: obedece às normas ortográficas do Acórdão de 1945, únicas que convêm à unidade linguística dos dois países de língua portuguesa. Antes de meterem ombros à empresa, tive a honra de ser ouvido e, com toda a sinceridade e lhanza, sobre ela manifestei o meu pensar, que julgo ser o de todo o homem consciente do mais profundo amor à Língua e às duas Pátrias irmãs. Bem hajam os notáveis filólogos que puseram peito a essa gigantesca empresa! Seus nomes serão imortaliza-

dos, como o foi o do primitivo autor.)

Encerrado esse parêntese, compulsemos o "Novo Dicionário" de Cândido de Figueiredo, já na 11ª edição, in verb. "luz": — "Dar um livro à luz." — "Dar à luz."

"Sair ou vir à luz é como se lê no "Dicionário Contemporâneo" de Santos Valente, na legítima edição de 1881, e é como escrevem todos os que sabem a nossa língua. Esses não dispensam nem dispensaram jamais o acento no "a".

E "morrer à fome"? Segundo a tal norma de Galhardo, não há razão para o acento, porquanto o substantivo está empregado indeterminadamente. Mas, nada obstante, nunca houve escritor de primeira plana que deixasse de colocar acento nesse "a". O Prof. Carneiro transcreve excertos de Barros, Brito, Sousa e Vieira ("Tréplica", ed. de 1923, págs. 236-238), e na minha citada "Língua Vernácula" (3ª série, pág. 141) apresento mais um de Vieira, ao qual junto este: "O pobre sem comer morrerá à fome." ("Sermões", ed. de 1856, VIII, 341.) E mais este de Herculano: "Andou avisado, porque, assim, esquivava-se a morrer à fome." ("Opúsculos", 3ª ed., VIII, 125.)

VOLVEU A CASA PATERNA

Respeito a essa frase, que o consultante de João Pessoa escreveu sem acento no "a", porque assim a viu em novíssimo livro didáctico, discorre ele eruditamente, citando vários autores de peso, entre os quais João Ribeiro e Rui Barbosa, a fim de concluir pela legitimidade da preposição pura, visto que a palavra "casa" no sentido de "lar" repete o artigo.

A seguir a doutrina de Galhardo, tal conclusão não é verdadeira, porque, se em "volveu ao lar paterno" é indispensável o artigo, também indispensável é ele em "volveu à casa paterna". Eis um caso em que a substituição do feminino pelo masculino constitui expediente eficaz para se resolver o problema. (V. a "Língua Vernácula" supramencionada, pág. 127, III.)

Entretanto, este caso não é tão simples como o parece. Nessa minha obra ensino aos meus discípulos: "Deve ser acentuado o "a" que antecede a palavra "casa", com a significação de "residência" ou "morada", se for modificada por adjetivo qualificativo, ou se no mesmo termo se confundirem as acepções de "morada" ou "residência" e "prédio" ou "edifício". (Págs. 132-133.) E, em abono deste preceito, transcrevi, entre outros, os dois textos que seguem: "A Madalena vos foi buscar uma vez à casa alheia." (Fr. Tomé de Jesus: "Trabalhos de Jesus", ed. de 1925, 1ª parte, pág. 299.) — "O desgraçado rapaz voltou à casa paterna." (Camilo: "O Santo da Montanha", 3ª ed., pág. 74.)

Eis aí "à casa paterna" com "a" acentuado.

Nos seus "Estudos Filológicos" João Ribeiro deu as razões por que não se deve acentuar o "a" que antecede a palavra "casa", quando ela "indica uma situação local fixa e conhecida, para a qual não há necessidade de determinação pelo artigo" (na pág. 55). E Rui Barbosa tratou desse caso em dois lugares da sua "Réplica" (págs. 237 e 456). Mário Barreto, porém, foi mais categórico: "O substantivo casa", diz ele à página 373 do "Através do Dicionário e da Gramática" (ed. de 1927), "o substantivo casa, no sentido da preposição francesa chez, esse NÃO ADMITE NUNCA O ARTIGO, ainda que o determinem as palavras seguintes: "Vou a casa de minha irmã." (Traz mais seis exemplos por ele mesmo formulados.)

Pois isso vai de encontro à lição dos máximos aperfeiçoadores do nosso idioma. Que se não acentue o "a" antes de "casa" quando tem a significação de "morada" ou "residência" e está em relação complementar, isso creio ser pacífico entre os que alguma coisa conhecem da nossa boa linguagem; mas deixá-lo de acentuar quando o sentido é manifestamente determinado, e a palavra está acompanhada de adjetivo qualificativo ou de expressão regida por preposição, é o que não fazem os que bem escrevem, precipuamente quando "casa", regida de preposição, não indica o morador ou o proprietário nela residente. As citas que vou trazer à colação provam-no à evidência.

Veja-se a presença do artigo nestes lugares: "Empreendi... dar, na casa da minha actual residência... um curso nocturno gratuito." (Castilho: "Tosquia de Um Camelo", ed. de 1853, pág. 16.) — "Agar volveu sobre seus passos e entrou de novo na casa de Abraão." (Latino Coelho: "Arte e Natureza", ed. de 1923, pág. 196.) — "Havia de lhe explicar o motivo por que fugira da casa paterna?" (Garrett: "Viagens na Minha Terra", 6ª ed., I, 210.) — "Tu não ignoras já hoje o porque fugi da casa materna." (Idem, ibidem, II, 157.) — "Prosseguimos, dirigindo-nos para a Rua da Ajuda, onde, na casa do barão de Javari, se reuniriam, daí a pouco, os que se houvesses de entender com o organizador do gabinete em elaboração." (Rui Barbosa: "Queda do Império", ed. de 1921, I, pág. LXXX.)

Vê-se que esses correctíssimos escritores empregam o artigo para determinar "casa", qualificada por adjetivo ou seguida de expressão regida de preposição. Ora, se "casa", sinónimo de "residência" ou "morada", admite o artigo antes de si, logicamente deve ter antes de si o "a" craseado (aqui, sim, ele é propriamente craseado), sempre que, em tais condições, a preposição "a" se funde com o artigo feminino.

O próprio Rui, dissertando sobre a crase, escreveu isto: "Há muito quem escreva 'fui à casa', 'mandei à casa', 'voltei à casa', 'recolhi à casa'. São grafias erradas; porque ninguém, aludindo A CASA DE ALGUÉM, sem complemento que a determine, escreveria 'saí da

casa", "dormi na casa", "passou-lhe pela casa", "ó da casa", mas: "ó de casa", "passou-lhe por casa", "dormiu em casa", "saí de casa". Da mesma sorte, pois, em intervindo a preposição a, desde que a locução exclui o artigo definido, correspondente ao substantivo feminino, a grafia correcta há-de ser: "fui a casa", "mandei a casa", "voltei a casa", "recolhi a casa." ("Réplica", n.º 359, pág. 456.)

Note-se bem: Rui Barbosa diz expressamente: "Ninguém, aludindo A CASA DE ALGUÉM, SEM COMPLEMENTO QUE A DETERMINE..." Isso quer dizer que, em havendo complemento que determine a palavra "casa", o artigo é obrigatório, e dando-se o caso de intervirmos a preposição "a", obrigatória será a crase.

Não devo deixar passar despercebido o seguinte facto: Rui não admite o sinal da crase naquelas expressões, e realmente não se deve admitir; mas, conforme a regra de Tomás Galhardo por ele abraçada, cumpria-lhe aceitá-lo, visto que, substituindo-se a palavra "casa" por substantivo masculino correspondente, junto a este figurará o artigo: "Fui ao lar", "mandei ao domicílio", "volteio ao lar", "recolhi ao domicílio". Bem se vê que a tal norma não é infalível; e, aplicada a torto e a direito, redundará em erros sálios, como "fui à casa", "mandei à casa", etc.

Lembre-se o consultor paraibano de que "Visita à Casa Paterna" é um dos sonetos mais conhecidos no Brasil, e creio que jamais houve alguém que, referindo-se a ele, deixasse de pôr o acento que no "a" anterior à palavra "Casa" colocou Luís Guimarães Júnior, seu autor.

Sei que alguns evitam acentuar o "a" antes de "casa" quando este nome é acompanhado de adjunto, especialmente quando esse adjunto designa o morador ou o dono da "casa"; todavia, numerosos são os exemplos em que esse "a" é acentuado, e julgo boa, legítima e portuguesíssima tal acentuação. Haja vista a estes relanços: "Fui à casa da vizinha, envergonhei-me, vim à minha, remediei-me." (Castilho António: "Colóquios Aldeões", ed. de 1879, pág. 199.) — "Vem já, já, à nossa casa." (Machado de Assis: "Várias Histórias", ed. da Livraria Garnier, págs. 10, 11 e 12.)

Nesse autor é frequentíssimo o uso do "a" acentuado antes de "casa" com adjunto. Centenas de excertos seus poderia citar, mas afigura-se-me que são mais que bastantes os que passo a copiar: "Ia agora mesmo à sua casa." ("Quincas Borba", ed. de 1938, pág. 382.) — "Chegou Rubião à casa de D. Fernanda." (Ibidem, pág. 393.) — "Santos pegou em si, e foi à casa do Dr. Plácido." ("Esaú e Jacob", ed. de 1938, pág. 50.) — "Era justo levar a saúde à casa de sapé do pobre." ("Dom Casmurro", ed. de 1938, pág. 16.) — "Foi com ele à casa de Fuão Simplício." ("A Semana", ed. Garnier, pág. 249.) — "Bradou-lhe que fosse à casa do Sr. João Carneiro." ("Páginas Recolhidas", ed. Garnier, pág. 19.) — "A costureira chegou à casa da baronesa." (Ibidem, pág. 230.) — "De noite foi à casa da tia." ("A Mão e a Luva", ed. Garnier, pág. 83.) — "De noite foi Luis Alves à casa da baronesa." (Ibidem, pág. 116.) — "Durante três dias deixou Luis Alves de ir à casa da baronesa." (Ib., pág. 141.) — "Não foi nessa noite à casa da tia." (Ib., 179.)

Em vista do exposto, não há dúvida: deve acentuar-se o "a" que precede a palavra "casa" na frase — "O filho perdulário volveu à casa do pai" ou "à casa paterna".

Eu pudera, simplesmente, remeter os dois consultantes à minha "Língua Vernácula" para a 3ª série ou a "A Chave da Crase" do Prof. Almeida Rocha, mas os termos de suas cartas fizeram com que lhes respondesse pormenorizadamente, o que só me deu prazer. E, se não ficarem inteiramente satisfeitos, voltem, querendo.

x x x